

# A indeterminação das fronteiras da idade

Régine Sirota\*

## Resumo:

Como nosso olhar sobre a criança evoluiu? A definição clássica que estabeleceu fronteiras claras entre gerações, na qual a socialização era concebida de maneira vertical, vai ser sucedida por uma sociologia da infância que introduz a visão de uma “socialização interpretativa”, na qual a criança aparece como um ator. Essa mudança conceitual vai introduzir uma visão em termos de socialização horizontal no nível do grupo de pares e do entre-crianças, considerando a criança não somente como um ser futuro, mas também como um ser no presente. A infância é aqui vista como uma construção social, variável em sua forma, certamente, mas antes de tudo como um componente estrutural de toda sociedade. A partir de um quebra-cabeça de referências complexas e incertas, se constrói o estatuto de “igual paradoxal” da infância da modernidade, diante do espelho da reflexividade dos discursos *experts* que modelam normatividades, políticas sociais e imaginários da infância.

**Palavras-chave:** Infância. Sociologia da Infância. Socialização. Crianças-Aspectos sociais.

---

\* Professora da Universidade René Descartes – Paris V – Sorbonne. Membro do Centro de Pesquisa sobre as Ligações Sociais (CERLIS/CNRS). Doutora em Ciências da Educação pela Université René Descartes – Paris V – Sorbonne.

Gostaria de partir de duas anedotas examinando, precisamente, os presentes oferecidos por ocasião de dois nascimentos<sup>1</sup>. No primeiro caso, cheguei ao hospital um dia após o nascimento em companhia de uma universitária, professora de Literatura, escritora conhecida, munida de dois presentes, um buquê para a jovem mãe e a obra completa de Montaigne, da coleção *Pléiade*<sup>2</sup>, que minha colega ofereceu ao recém-nascido, para a grande satisfação... Da mãe e do pai.

No segundo caso, sempre na ocasião do nascimento de uma criança, vi ser oferecido aos jovens pais, cuja criança tinha menos de um mês, um magnífico livro em tecido, com cores brilhantes, ornamentado por uma multidão de personagens em forma de marionetes que surgiam de cada página, podendo-se agrupá-los, triturá-los, sugá-los em todos os sentidos. Pude presenciar, então, os cumprimentos do conjunto de pessoas que lá estava pela originalidade do presente, considerado inteligente, deslumbrante. Todos queriam saber onde ele havia sido encontrado; na livraria da esquina, foi a resposta.

Certamente, estávamos num meio bem preciso, diante de um presente aparentemente idêntico: um livro na ocasião de um nascimento, mas diante de duas concepções totalmente opostas de criança e do acesso à leitura.

De um lado, trata-se de transmitir esse “dom dos mortos” que é a literatura. A criança a descobrirá a seu tempo e em boa hora na forma mais elaborada. Nenhum intermediário é necessário. Trata-se de um presente simbólico destinado a afastar a ignorância ambiente, substituindo-a pela inserção deste pequeno homem numa humanidade comum, que lhe possibilitará o acesso à cultura através da relação com as grandes obras. De outro lado, é também a criança como um devir que é vislumbrada, mas ela já é considerada, num aqui-e-agora, como ator e senhor de seu destino; trata-se, portanto, de familiarizá-la, o mais cedo possível, com esse objeto que é o livro, de permitir que ela se aproprie dele, de criar nela o gosto e o desejo de ler.

Mas o aspecto comum que une esses dois casos parece ser o fato de colocar os seres na presença do livro desde o nascimento, como se isso constituísse uma urgência absoluta e uma necessidade vital. Por que e como chegamos a essa constatação?

De que forma nosso olhar sobre a criança evoluiu? E mais precisamente: como as concepções educacionais sobre essa faixa etária

evoluíram? Para responder a essas questões, vou tentar examinar as mudanças do ponto de vista dos sociólogos, tendo como referência sobretudo os que estudaram a socialização nessa idade da vida.

## **Fronteiras entre as idades claramente definidas e estanques**

Partirei da definição clássica de Durkheim (1922, p. 51):

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Seu objetivo é suscitar e promover na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais dela exigidos pela sociedade política em seu conjunto e pelo meio social para o qual ela está particularmente destinada.

A criança é considerada aqui como um ser em devir, um ser frágil. O estado a ser criado parece estar em oposição àquele que nos é dado como ponto de partida. Cabe à geração precedente encarregar-se do trabalho de transmissão e do trabalho educativo. Nos marcos de uma visão estrutural-funcionalista, isso determinará uma concepção do trabalho de socialização a ser realizado pelas instituições – como a família ou a escola –, cuja função é produzir a geração seguinte, destinada a assumir papéis e valores relativamente garantidos. Aqui os papéis são claros, e as fronteiras, estabelecidas.

## **A fronteira entre as idades se torna reversível**

A esse esquema vertical, a Sociologia da Infância vai se opor e vai se suceder à visão de uma “socialização interpretativa”, seguindo a expressão de Corsaro (1997). Nela a criança aparece não mais como uma tábula rasa, mas como um ator, um parceiro no seu processo de socialização (JAMES; PROUT, 1990). Assim, Mollo-Bouvier (1994), referindo-se a essa ruptura paradigmática, afirma que se trata somente de reintroduzir uma banalidade durante muito tempo negada ou ignorada. Para ela, as crianças são atores sociais que participam das trocas, das interações com os processos de ajustamentos constantes que animam, perpetuam e transformam a sociedade. As crianças têm, segundo essa definição, uma vida cotidiana que não pode ser reduzida à dos marcos instituídos. Ora,

não se está mais na perspectiva estrutural-funcionalista, uma vez que se reconhece uma visão simmeliana. Pois a socialização, segundo Simmel (1997), se faz e se desfaz constantemente; ela se refaz novamente entre os homens num eterno fluxo e numa efervescência que ligam os indivíduos mesmo nos lugares onde ela não atinge formas de organização características.

Estamos, então, diante de uma definição de socialização considerada por Percheron (1983, p. 117) como sendo “o conjunto dos processos pelos quais a criança constrói sua identidade social, torna-se um membro autônomo dos grupos sociais aos quais pertence e através deles pertence à sociedade como um todo”. Portanto, não existe mais simplesmente uma transmissão vista como uma inculcação de valores e de normas de uma geração a outra, mas passa-se a considerar a criança como um ator, isto é, como um “ser no presente”, o que supõe trocas entre gerações. Não estamos mais num esquema vertical descendente, não existe um ir-e-vir, uma reversibilidade do processo. Ofício de criança e ofício de pais se constroem em paralelo; socialização e paternidade estão juntas e são concebidas como processos contínuos. Aqui a criança é conceituada a partir de um movimento da Sociologia geral que se volta ao ator, o que, no âmbito das teorias do interacionismo simbólico, e das tradições interpretativas e fenomenológicas, permite considerá-la como um ator integral.

### **A idade da infância não é mais definida a partir de um devir, mas de um estado no presente**

Essa virada conceitual vai introduzir rapidamente uma nova visão de socialização nessa faixa etária, não mais em termos de socialização vertical, mas em termos de socialização horizontal, na qual o grupo de pares e o contato entre crianças vão ganhar importância na visão do sociólogo. Este deixa de explorar unicamente a cena principal, como dizia Goffman (apud WINKIN, 1988), interessando-se também pelos bastidores. Em outras palavras, passa-se da sala de aula ao pátio de recreio. Pois não existe mais simplesmente transmissão vertical, mas transmissão horizontal no nível do grupo de pares, o que leva a um reconhecimento das formas de sociabilidade próprias às sociedades infantis e, portanto, a um

reconhecimento da criança como ator coletivo com suas próprias formas culturais, à luz das quais serão reinterpretadas as formas institucionais da transmissão.

Pode-se ilustrar essa reflexão com dois exemplos, originários de campos de pesquisa muito atuais e particularmente impressionantes. Primeiramente, ao nível do exercício do ofício de aluno no interior da classe ou do estabelecimento, podem-se analisar incidentes, injúrias e indisciplinas, não mais como distanciamentos individuais em relação às normas de civilidade, mas como manifestações de culturas de resistência, como as que sociólogos da educação das escolas conflitualistas puderam caracterizar a partir dos trabalhos de Willis (1978). Em segundo lugar, ao nível da cultura midiática da criança telespectadora, como os sociólogos das mídias puderam explorar a partir das teorias da recepção, Buckingham (2000) e Pasquier (1999) mostram que, na verdade, as crianças não são tão enganadas nem tão alienadas, e que algumas surpreendem diante das séries televisivas, seja pelas sociabilidades que se instauram em torno dessas telenovelas, seja pelas múltiplas discussões que se seguem à sua transmissão, o que permite a elaboração de “mapas de Ternura”<sup>3</sup> da criança contemporânea. Pode-se, assim, considerar que os códigos amorosos e as formas de amizade são postos à prova através de novos ritos iniciáticos. Trata-se, então, de compreender como se constroem essas culturas infantis, como se partilham essas culturas da infância e como se difundem essas culturas geracionais.

## **Uma idade da vida, componente estrutural de toda sociedade**

Essas culturas da infância assumem formas sociais que mudam conforme as épocas e os lugares, mas sempre constituem uma parte das formas culturais de toda sociedade. A infância é vista aqui como uma construção social, certamente variável na sua forma (como mostram muitos historiadores desde Àries, 1960), mas principalmente como um componente estrutural de qualquer sociedade; forma pela qual passam todos os indivíduos, mas cujos membros mudam constantemente, não desaparecendo jamais como tal (QVORTRUP, 2001). É conveniente, portanto, indagar sobre os modos de construção desta forma estrutural como fabricação social.

## Uma idade no centro de um quebra-cabeça moderno e incerto

Essa construção é, na verdade, submetida a uma conformação social específica da modernidade que complexifica e multiplica os atores da transmissão. A infância é enredada pela sociedade de mercado, que se dirige preferencialmente à criança consumidora, mais especificamente à criança preceptora. Assim, a criança não é mais unicamente um “*go-between*”<sup>24</sup>, presa a uma contenda entre instituições educacionais, tal como a família ou a escola, nas quais se transmitiriam normas e valores, mas está inserida numa sociedade de consumo, onde se multiplicam os modos e as fontes de transmissão de valores e de normas, seja pela mídia, seja pela publicidade. Multiplicação das tensões e das contradições caracterizam essa socialização, que acompanha uma desinstitucionalização. É importante lembrar que não estamos mais num esquema vertical ou horizontal, mas num quebra-cabeça de formas de referência, dentro do qual se constrói a experiência social da criança. Experiência social certamente específica da infância, mas também comum à do indivíduo moderno, incerto, que muitos sociólogos definem como alguém que deve produzir a si mesmo (ERHENBERG, 1991). Essa injunção, se se aplica ao adulto, se aplica ainda mais à infância, pois a característica do ofício de criança é a de produzir-se não só como todo membro das nossas sociedades modernas, mas também como alguém com um estatuto particular, o de “igual paradoxal”, que discute a Filosofia Política e também valida e produz o Direito contemporâneo. Se a criança é doravante igual aos adultos que a criam e educam, ela é esse igual paradoxal que precisa deles para ser o que é (RENAUT, 2002).

## Uma idade que se espelha nos discursos *experts*

Essa evolução ocupa atualmente um lugar no espaço de reflexão e de proteção particular. Pois é também a partir dos discursos *experts*, produzidos pelas Ciências Humanas, tais como a História, a Psicologia, a Sociologia ou a Filosofia, que são pensadas e construídas as políticas sociais e os imaginários da infância. A infância moderna se constrói sob uma constelação de olhares. Ao lado das representações e das práticas de atores, a fabricação social da infância se apóia também nos discursos intelectuais ou acadêmicos, e em teorias científicas. Assim, socialização e transmissão espelham-se em suas próprias produções.

Aqui só é possível sublinhar o peso da difusão e da vulgarização das teorias psicológicas através das mídias. Programas de rádio como o de Françoise Dolto<sup>5</sup> têm contribuído muito no sentido de reconhecer não somente a criança como um ser de palavra e de desejo, mas também o bebê como uma pessoa.

Precedido, acompanhado e em seguida legitimado por um discurso científico, que, após ter recortado em estados sucessivos a progressão do desenvolvimento da criança, redescobriu períodos por longo tempo ignorados, o ordenamento das idades se distendeu. Esse novo calendário se estendeu duplamente, sustentado pela evolução do olhar sobre o bebê e a primeira infância, pelo prolongamento dos estudos e pela complexidade crescente da entrada na vida ativa. Quanto mais os conhecimentos científicos se aprofundam e se tornam complexos, mais as categorias se multiplicam e as fronteiras se tornam flutuantes entre “bebelogia” [*béblogie*<sup>6</sup>], primeira infância, segunda infância, pré-adolescência, adolescência. Entretanto, de modo geral se pode constatar que a explosão dessas categorizações consegue apenas enfatizar esse percurso de uma idade da vida que é a infância e que se realiza numa condição comum – delimitada pelo estatuto legal de minoridade – em profunda evolução; e a incerteza desse estatuto causa cada vez mais problemas (DE SINGLY 2004; GAUCHET, 2004). As representações contemporâneas da infância ocorrem nas tensões freqüentemente contraditórias que tornam o trabalho educativo especialmente delicado, oscilando entre proteção e autonomia, desenvolvimento pessoal e êxito escolar ou social. Cabe à criança, em última instância, resolver essas contradições no exercício de um “ofício de criança” cada vez mais precoce, difícil e exigente.

“Tudo se define antes de seis anos!” O sucesso desse célebre adágio, extraído do livro de puericultura do norte-americano Dodson (1972), coloca claramente em evidência a importância atribuída pelas nossas sociedades modernas ao calendário das idades e ao peso da educação na primeira infância. Estes aspectos foram particularmente valorizados num duplo contexto de reconhecimento do lugar da infância numa competição social exacerbada e de difusão de discursos *experts*, através de múltiplos canais midiáticos. Ora, se o futuro do homem se define na primeira infância, convém nos preocuparmos o mais cedo possível. Isso produziu dois movimentos aparentemente contraditórios, mas que decorrem um do

outro: primeiramente, o movimento científico que tem por objetivo medir o desenvolvimento das performances da criança a partir das normas estabelecidas pela Psicologia do Desenvolvimento e depois pela Psicologia Cognitiva e aplicá-las como padrão universal. Em seguida, um movimento social cujo objetivo é semear essas normas o mais cedo possível, para garantir posição e mobilidade social. Os que forem rotulados por estar em atraso correm o risco de se tornar os relegados, e depois os excluídos de um sistema escolar que distribui as posições sociais.

A precocidade se torna um valor que mede a qualidade dos percursos das aprendizagens e, portanto, da leitura. Confundem-se, então, discursos pedagógicos que introduzem as noções de centro de interesse e de prazer, e a Sociolinguística, que demonstra a importância do exercício da língua, tanto em termos de enunciação quanto de prazer de ler. Se a impregnação e a familiaridade são consideradas pré-requisitos necessários à aprendizagem da leitura e ao gosto de ler, torna-se imperioso propor situações e materiais que permitam a domesticação desse objeto cultural que é o livro, seja no universo cultural e escolar, seja no universo mercantil. A infância se torna alvo do marketing e passa a ter toda a legitimidade comercial, cultural e científica. As estratégias de segmentação do mercado do livro acompanham, materializam e ratificam essa fragmentação no espaço dos objetos. Partindo do quiosque, da boutique ou do supermercado para chegar ao quarto da criança, essas diferenciações, tão afinadas quanto imperativas, marcam as idades da leitura.

## **A relatividade dessas fronteiras de idade**

A juventude é apenas uma palavra, dizia Bourdieu (1979) ao discutir a pertinência da homogeneização produzida por esta categorização. Isso também serve para a categoria infância? Sem dúvida, o recorte de uma categoria social é o resultado de uma fabricação social, cuja aparência de construção natural o sociólogo adora demonstrar para sublinhar a variabilidade segundo as épocas e os lugares. Variabilidade que se manifesta tanto nas representações e discursos quanto nas políticas sociais, isto é, tanto no nível do objeto quanto do olhar que a ele é dirigido. Pois as fronteiras das idades também declinam ao se conjugarem com outros fatores sociais, tais como o gênero ou a categoria social, e isso desde a

infância, marcando e influenciando fortemente as práticas culturais ulteriores. Assim, as meninas – escolarmente mais estudiosas – lêem em proporções mais significativas que os meninos e encontram no livro um suporte e um confidente, a exemplo do conjunto dos instrumentos de desenvolvimento da intimidade e do eu que lhes são freqüentemente oferecidos como presente (SIROTA, 1998 ou 2006), tais como os diários secretos, as canetas-tinteiro, os papéis para cartas... É isso o que o conjunto das enquetes sobre a leitura confirma, ainda que as enquetes sobre as práticas culturais das crianças sejam raras, pois essa idade permaneceu por longo tempo esquecida pela estatística (OCTOBRE, 2004). Igualmente, as idades da leitura infantil não diminuem segundo os mesmos calendários, conforme os meios sociais. Assim, pudemos demonstrar, a partir de uma enquete realizada junto aos freqüentadores da Biblioteca do Centro Pompidou (EIDELMAN; SIROTA, 1987), que as crianças das categorias mais favorecidas (pertencentes às classes médias e superiores) haviam começado a freqüentá-la antes mesmo de aprender a ler, antecipando e preparando a aprendizagem e o êxito escolar, enquanto as crianças das categorias populares só começavam a freqüentar essa biblioteca após a aprendizagem da leitura ter sido introduzida e efetuada pela escola, isto é, após o curso preparatório. O capital cultural precoce das crianças das classes favorecidas era substituído mais tarde por um “capital de familiaridade”, construído pelas próprias crianças, graças à freqüência escolar e à familiaridade com o uso de uma biblioteca pelo grupo de pares. Aqui se pode ver claramente o quanto as fronteiras das idades podem variar no espaço social.

## **O deslocamento das fronteiras**

E mais, o acordo tradicionalmente harmonioso das instâncias de socialização, tais como a família, a igreja, a escola, o grupo de pares, em parte se rompeu. Estas passaram a se ver como concorrentes, ou até mesmo em oposição no período contemporâneo. Tomemos um exemplo.

O recorte das idades que procedia principalmente do peso religioso num país de tradição católica como a França, sendo instituído e ordenado pelos rituais de entrada na vida e por seus ritos de passagem (o batismo, a primeira comunhão, o casamento e o enterro), se viu em concorrência, para não dizer suplantado, pelo calendário de uma outra instância: a escola. É importante lembrar que o certificado de estudo foi em parte instituído

em concorrência com a primeira comunhão, ilustrando a competição entre a ordem religiosa e a ordem laica no ordenamento da identidade social.

A entrada na escola, seja na escola maternal<sup>7</sup>, seja na grande escola<sup>8</sup>, a entrada no colégio<sup>9</sup>, a entrada no liceu<sup>10</sup> e depois o ingresso na universidade ou no ensino superior se tornaram ritos de passagem da modernidade, estando marcados pela compra de uma primeira pasta, de uma primeira mochila, do caderno de texto ou da agenda. Os imperativos do material escolar desses grandes dias e a sutileza de seus códigos marcam, ao mesmo tempo, o peso do consumo e o do grupo de pares na fabricação social dos signos distintivos de cada idade. Ora, as sociabilidades infantis ou juvenis entram cada vez mais cedo em concorrência com as prescrições familiares ou institucionais, e a criança se assenhora cada vez mais precocemente de sua rede social, passando ao largo da autonomia de uma dependência a outra.

Paralelamente a esse calendário das idades institucionalmente normatizado, seria importante considerar os calendários dos grupos de pares que pontuam a construção das experiências amistosas ou amorosas, geralmente dissimuladas ao olhar do adulto. Ora, os pesquisadores só muito recentemente prestaram atenção a essas práticas culturais, interessando-se, por exemplo, pelo uso dos brinquedos, das brincadeiras durante a recreação, ou pelo uso da internet como fontes para a apreensão da construção das competências sociais infantis. Essas sociabilidades infantis se apóiam em trocas e práticas de lazer, como a leitura, que não segue necessariamente nem linearmente prescrições escolares ou comerciais. Uma mesma leitura pode, assim, ter um sentido bem diferente segundo seu preceptor. Leitura-trabalho e leitura-prazer podem se completar ou se contrapor a ponto de se observar que as crianças tendem a ler cada vez menos à medida que avançam na sua escolaridade (BAUDELLOT; CARTIER; DETREZ, 1999). Prescrições escolares ou paternas, conselhos dos amigos e publicidade exercem, assim, um estranho bailado, inscrevendo a leitura entre território íntimo, práticas de sociabilidade e deveres escolares. Compete, portanto, a cada criança construir seu próprio percurso de leitura, numa trajetória cada vez mais individualizada, edificada a partir de uma multiplicidade de influências contraditórias.

## Indefinição e normatizações

A complexidade desse quebra-cabeça põe em xeque a produção de nossas normatizações quanto às práticas culturais e de leitura, seja no nível das aprendizagens, seja no do prazer de ler, e torna relativos ditados e modos, devidos ao marketing, à ciência ou às políticas sociais. Assim, o livro se tornou presente de nascimento nessa nova arte de acomodar os bebês e de domesticar os caminhos da leitura. Isso, diante de uma infância que muitas vezes confunde os discursos mais pessimistas quando se atira sobre volumes de mais de seiscentas páginas, para não falar de Harry Potter, cujo sucesso não pode ser explicado simplesmente por puras estratégias maquiavélicas.

## Notas

- 1 Texto traduzido por Ione Ribeiro Valle, professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação – Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina.
- 2 *A Bibliothèque de la Pléiade*, criada em 1931, reúne edições de referência e de estilo, publicando as maiores obras do patrimônio literário e filosófico francês e estrangeiro. (N. da T.)
- 3 Os “mapas de Ternura” (ou *cartes de Tendre*, em francês) são mapas de uma geografia galante e imaginária que ditavam as normas do comportamento amoroso dos jovens do século XVII. As cidades desses mapas se chamavam *Ternura*, *Estima*, *Nova Amizade*, *Lindos Versos*, *Bilhetes Galantes*, etc. (N. da T.)
- 4 Referência ao artigo de Perrenoud (1987). (N. da T.)
- 5 Programa muito popular difundido pelo rádio após o meio-dia, destinado aos pais e especialmente às mães, durante o qual uma psicanalista chamada Françoise Dolto (1908-1988) respondia às questões dos ouvintes dando conselhos sobre a educação das crianças. O texto desses programas foi publicado por Dolto (1977-1979).
- 6 Refere-se aos conhecimentos relativos ao bebê. (N. da T.)
- 7 Atende crianças de 2 a 4 anos de idade. (N. da T.)

- 8 Atende crianças de 5 anos de idade. (N. da T.)
- 9 Corresponde ao nosso ensino de 5a a 8 a séries do Ensino Fundamental. (N. da T.)
- 10 Corresponde ao nosso Ensino Médio. (N. da T.)

## Referências

- ÀRIES, P. *L'enfant et la vie familiale sous l'ancien régime*. Paris: Plon/Reed/Point Seuil, 1960.
- BAUDELLOT, C.; CARTIER, M.; DETREZ, C. *Et pourtant ils lisent*. Paris: Le Seuil, 1999.
- BOURDIEU, P. *La distinction*. Paris: Minuit, 1979.
- BUKINGHAM, D. *After the death of childhood, growing up in the age of electronic media*. Cambridge: Polity, 2000.
- CORSARO, W.A. *The sociology of childhood*: thousand. Oaks-California: Pine Forge Press, 1997.
- DE SINGLY, F. *Enfants adultes: vers une égalité de statuts?* Paris: Universalis, 2004.
- DODSON, R. *Tout se joue avant six ans*, traduction française. Paris: Robert Laffont, 1972.
- DOLTO, Françoise. *Lorsque l'enfant paraît*. Paris: Le Seuil, 1977/1979. tomes 1-3.
- DURKHEIM, É. *Education et sociologie*. Paris: PUF, 1922.
- EIDELMAN, J.; SIROTA, R. Petits rats en bibliothèques: pratiques culturelles à la bibliothèque des enfants du Centre Georges Pompidou. *Bulletin des bibliothèques de France*, Paris, t. 32, n. 5, p. 420-429, 1987.
- ERHENBERG, A. *Le culte de la performance*. Paris: Hachette-Calmann-Lévy, 1991.
- GAUCHET, M. L'enfant problème. *Le débat*, Paris, n. 132, p. 122-132, 2004.

- JAMES, A.; PROUT, A. (Ed.). *Constructing and reconstructing childhood*. London: Falmer Press, 1990.
- MOLLO-BOUVIER, S. Introduction. *Enfances et sciences sociales. Revue de l'Institut de Sociologie*, Bruxelles, n.1/2, p. 11-13, 1994.
- NIÈRES-CHEVREL, I. (Org.) *Littérature de jeunesse, incertaines frontières*. Paris: Gallimard: Actes du Colloque de Cerisy-la-salle, 2005.
- OCTOBRE, S. *Les loisirs culturels des 6-14 ans*. Paris: Ministère de la Culture et de la Communication, La documentation française, 2004.
- PASQUIER, D. *La culture des sentiments*. Paris: Editions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1999.
- PERCHERON, A. Famille et socialisation de l'enfant. *Revue Française des Affaires Sociales*, Paris, n. 3, p. 107-132, oct./déc., 1983. Recherches et Familles.
- PERRENOUD, P. Le "go-between" entre sa famille et l'école, l'enfant messenger et message. In: MONTANDON, C.; PERRENOUD, P. (Org.). *Entre parents et enseignants: un dialogue impossible?* Berne: Peter Lang, 1987.
- QVORTRUP, J. Childhood as a social phenomenon revisited. In: DUBOIS, R. M.; SÜNKER, H.; KRÜGER, H-H. (Ed.) *Childhood in Europe*. New-York: Peter Lang, 2001. p. 251-241.
- RENAUT, A. *La libération des enfants*. Paris: Bayard, 2002.
- SIMMEL, G. *Sociologie: études sur les formes de la socialisation*. Paris: PUF, 1997.
- SIROTA, R.(Ed.). *Éléments pour une sociologie de l'enfance*. Rennes: PUR, 2006.
- \_\_\_\_\_. L'émergence d'une sociologie de l'enfance: évolution de l'objet, évolution du regard? *Éducation et sociétés*, Paris, n. 2, p. 9-33, 1998.
- \_\_\_\_\_. Emergência de uma sociologia da infância: evolução do objeto e do olhar. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 112, p. 7-31, maio 2001.
- \_\_\_\_\_. L'enfant dans la sociologie de l'éducation un fantôme ressuscité? enfance et sciences sociales. *Revue de l'Institut de Sociologie*, Bruxelles, n.1/2, p. 147-163, 1994.

SIROTA, R. Les copains d'abord, les anniversaires de l'enfance, donner et recevoir. *Ethnologie Française*, Paris, n. 4, p. 457-471, 1998.

\_\_\_\_\_. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, Esp., p. 535-562, 2005.

WILLIS, P. L'école des ouvriers. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 24, p. 51-62, nov. 1978.

WINKIN, Y. *Erving Goffman: les moments et leurs homes*. Paris: Le Seuil, 1988.

The indetermination of the frontiers of age

Le brouillage des frontières d'âge

**Abstract:**

How has our perspective on childhood evolved? The classic definition that established clear borders between generations, which conceived socialization in a vertical manner, has been replaced by a sociology of childhood that introduces the vision of an “interpretive socialization” in which the child appears as an actor. This conceptual change will introduce the perspective of a horizontal socialization at the level of the peer group and between children. It considers the child not only as a future being, but as a being in the present. Childhood is seen here as a social construction that is certainly variable in form, but is first a structural component of all of society. The statute of “paradoxical equal” of the childhood of modernity is constructed based on a puzzle of complex and uncertain references. This is realized in the light of the reflexive mirror of the expert discourses that model norms, social policies and childhood imaginaries.

**Key words:** Childhood. Sociology of childhood. Socialization. Children social aspects.

**Résumé:**

Comment notre regard sur l'enfant a-t-il évolué? A la définition classique établissant des frontières claires entre générations où la socialisation était conçue de manière verticale va succéder une sociologie de l'enfance qui oppose la vision d'une « socialisation interprétative » où l'enfant apparaît comme un acteur. Ce tournant conceptuel va introduire une vision en termes de socialisation horizontale au niveau du groupe de pairs et de l'entre-enfants, considérant l'enfant non seulement comme un être futur mais aussi comme un être au présent. L'enfance est ici vue comme une construction sociale certes variable dans sa forme, mais avant tout comme une composante structurelle de toute société. Dans un puzzle de références complexe et incertain se construit le statut d'« égal paradoxal » de l'enfance de la modernité, au miroir de la réflexivité des discours experts qui modèlent normativités, politiques sociales et imaginaires de l'enfance.

**Mots-clés:** Enfance. Sociologie de l'enfance. Socialization. Enfants-Aspects sociaux.

**Recebido em:** 11/5/2007

**Aprovado em:** 20/7/2007

**Régine Sirota**

10, Passage du Moulinet

75013 Paris – França

E-mail: regine.sirota@paris5.sorbonne.fr

**Ione Ribeiro Valle**

Professora do Centro de Ciências da Educação CED/UFSC

Rua Duarte Schutel, 233, Apto. 601-I

CEP: 88015-640 – Florianópolis SC

Fone: (048) 32253872

E-mail: ionvalle@newsite.com.br / ionevalle@ced.ufsc.br